

## PALAVRAS, TIJOLOS: ARQUITETURA E POESIA CONCRETA

Ana Carolina Carmona **RIBEIRO**<sup>1</sup>

**RESUMO:** Apresentamos aqui alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFSP em 2016, junto à disciplina ACOV6 (Comunicação Visual). A proposta foi a de criar um poema partindo de palavras ligadas ao universo arquitetônico, como *cobogó* e *piloti*, tendo como referencial os poemas de Augusto de Campos e as experimentações de linguagem da poesia concreta – entre elas, o reconhecimento da materialidade da palavra e a ligação indissociável entre meio e mensagem. Neste exercício, a poesia apareceu como contribuição interdisciplinar essencial para a reflexão sobre a arquitetura e a cidade, em suas múltiplas dimensões, inclusive a simbólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia concreta. Augusto de Campos. Comunicação visual. Arquitetura.

Admiro os poetas. O que eles dizem com duas palavras a gente tem que exprimir com milhares de tijolos.

(Vilanova Artigas, arquiteto, 1973)

Apresentamos aqui alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFSP, no 2º semestre de 2016, junto à disciplina ACOV6 – Comunicação Visual. A partir da visita à exposição “REVER”, do poeta Augusto de Campos, realizou-se uma interessante reflexão gráfica sobre a arquitetura, tendo as experimentações da poesia concreta como ponto de partida.

---

1 Arquiteta e Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto federal de São Paulo, *Campus* São Paulo, Mestre em Artes Visuais (USP).

Endereço eletrônico: ana.carmona@ifsp.edu.br

Segundo Campos (2016), os seus poemas – desde aqueles da fase ortodoxa, da época da Exposição Nacional de Arte Concreta (1956-57), até as experiências digitais e videográficas mais recentes, passando pelos poemas participantes e *popcretos* dos anos 1960-70 – constituem uma “pesquisa da linguagem entre a imagem e a palavra”, na qual é permanente o diálogo entre o verbal e o não verbal, buscando uma comunicação “interdisciplinar e interativa”.

Apropriando-se de recursos da comunicação visual (como imagem, tipografia, cor, figuras geométricas elementares, entre outros), a intenção dos concretos era justamente a de re-ligar meio e mensagem, forma e conteúdo, reconhecendo a palavra como elemento base da produção poética. Composição, ritmo, movimento, espacialidade, multissensorialidade são todos recursos explorados em operações que devolvem à palavra (e ao poema) o seu caráter concreto e objetual.

Assim, procurando fazer uma primeira aproximação entre o universo da comunicação visual e o da arquitetura, a proposta do exercício foi a de criação de um poema concreto, a partir de palavras ligadas ao universo arquitetônico – como *cobogó*, *piloti*, ou outra a ser escolhida pelo aluno. O *piloti*, por exemplo, faz parte do repertório da arquitetura moderna e da arquitetura moderna brasileira em especial, e está presente nos projetos de Lúcio Costa, Afonso Reidy, Oscar Niemeyer e outros, a partir da década de 1930; é um elemento estrutural vertical que eleva os edifícios em relação ao terreno, liberando o solo e permitindo a passagem do ar, da luz, do verde, das pessoas, em uma configuração espacial e urbanística inovadora. Os poemas que trabalham com essa palavra ressaltam, assim, a verticalidade desses elementos, além, é claro, de sua função de suporte. Não por acaso, todos têm a tipografia como ponto de partida, na medida em que a sonoridade das letras “i”, assim como o desenho verticalizado do “i”, do “l” e do “t”, parecem reforçar a espacialidade esbelta dos *pilotis*.

Já os *cobogós* (também conhecidos como elementos vazados) são peças cerâmicas ou de concreto que cumprem a função de fechamento parcial das aberturas de uma edificação – constituindo uma barreira física que não impede a passagem do ar, do vento e da iluminação. É um recurso muito presente na arquitetura tradicional (veja-se por exemplo os *muxarabis* dos árabes na Península Ibérica, com função semelhante), e que foi explorado funcional e plasticamente em inúmeros edifícios da arquitetura

brasileira. Os poemas *cobogó* trabalham, antes de tudo, a repetição e o ritmo, fundamentais a esse elemento construtivo; o desenho dos diferentes caracteres tipográficos e o conjunto da tipografia são reconstruídos e reorganizados de forma a explorar as relações entre cheios e vazios, permitindo a leitura de cada letra como um elemento vazado.

São apenas alguns exemplos das inúmeras possibilidades criativas trazidas por esse exercício. É justamente o entendimento da importância do *fazer*, das ações, materiais e procedimentos, e o reconhecimento de que a forma expressa conteúdo, que permite aproximar o trabalho de Campos do fazer arquitetônico. Se a poesia quer sair da página e ser objeto (e, mais ainda, “objeto útil”), a arquitetura se reconhece também como poesia, na medida em que cada um de seus elementos, técnicas e procedimentos construtivos, e suas escolhas formais e compositivas, passam a ser entendidos como constituidores de um discurso. Assim, a poesia (e possivelmente a própria literatura, que não tivemos a oportunidade de discutir aqui) aparece como contribuição interdisciplinar essencial para a reflexão sobre a arquitetura e a cidade<sup>2</sup> em suas múltiplas dimensões – inclusive a simbólica. Uma reflexão que permite desdobrar, no plano do experimento, a colocação de Vilanova Artigas: exercícios de linguagem em que as palavras podem ser tijolos, e os tijolos, palavras.

---

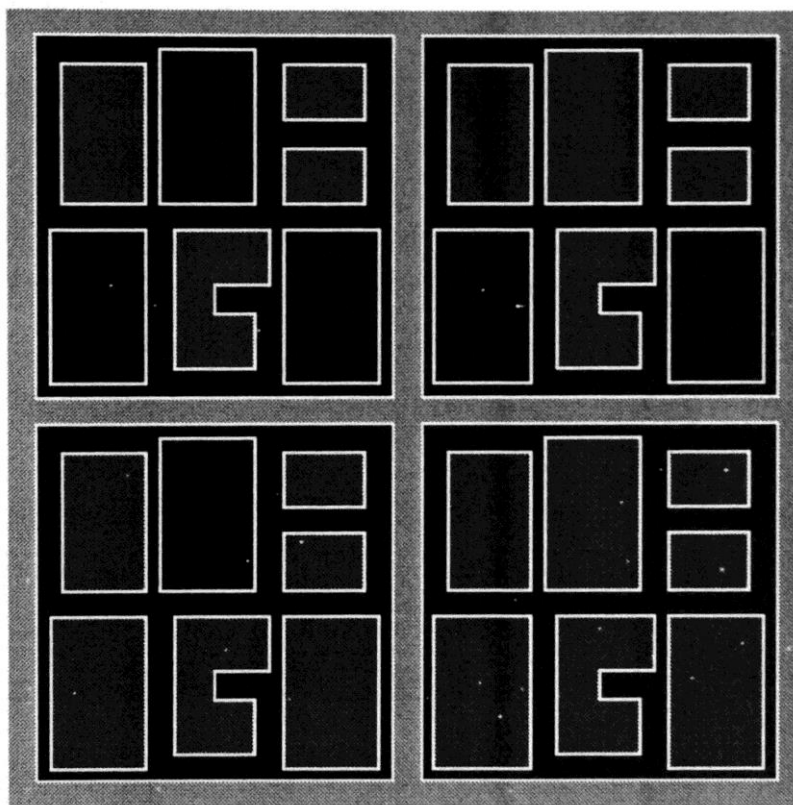
2 Em 1958, os poetas concretos darão ao seu manifesto mais importante o sugestivo título de “Plano piloto para a poesia concreta”, sem dúvida dialogando com as propostas da nova arquitetura e da “cidade nova” que seria Brasília.

Poema I

tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo  
jototijo tijoloti lotijolo  
tijoloti lotijolo jolotijo

Franciny Marques

Poema 2



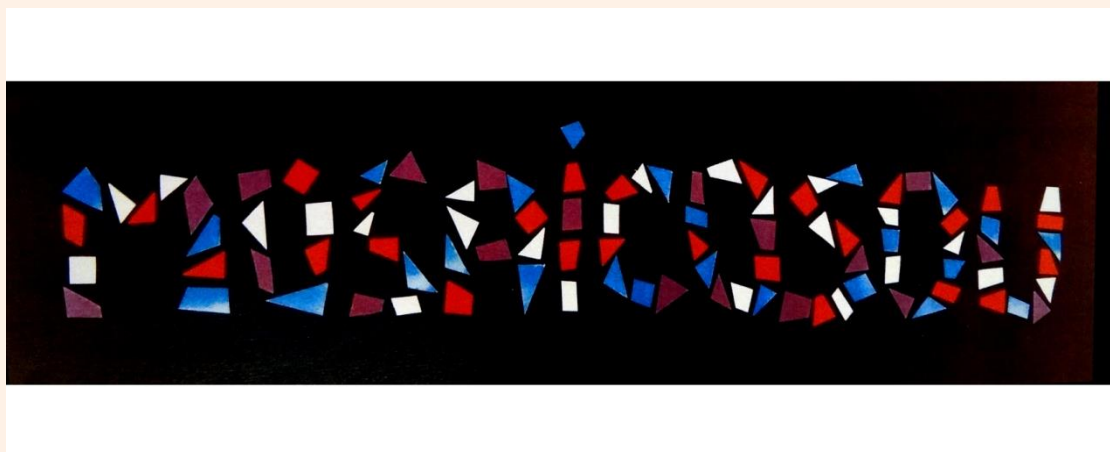
Gabriela Tiemi Yokota

Poema 3



Guilherme Cardoso Cajaiba

**Poema 4**



**Isabela Salvajoli**

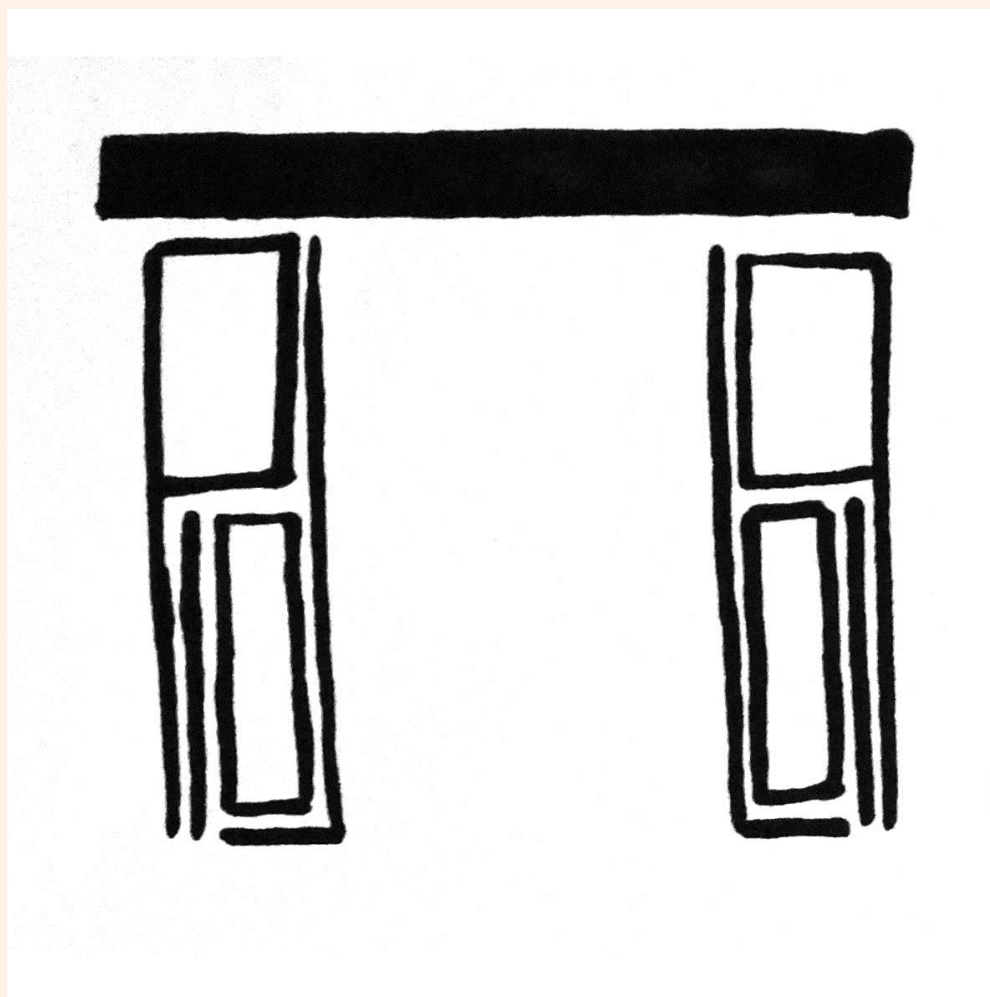
Poema 5

C O B O G O'  
O B O G O' C  
B O G O' C O  
O G O' C O B  
G O' C O B O  
O' C O B O G

João Paulo de Souza Lima

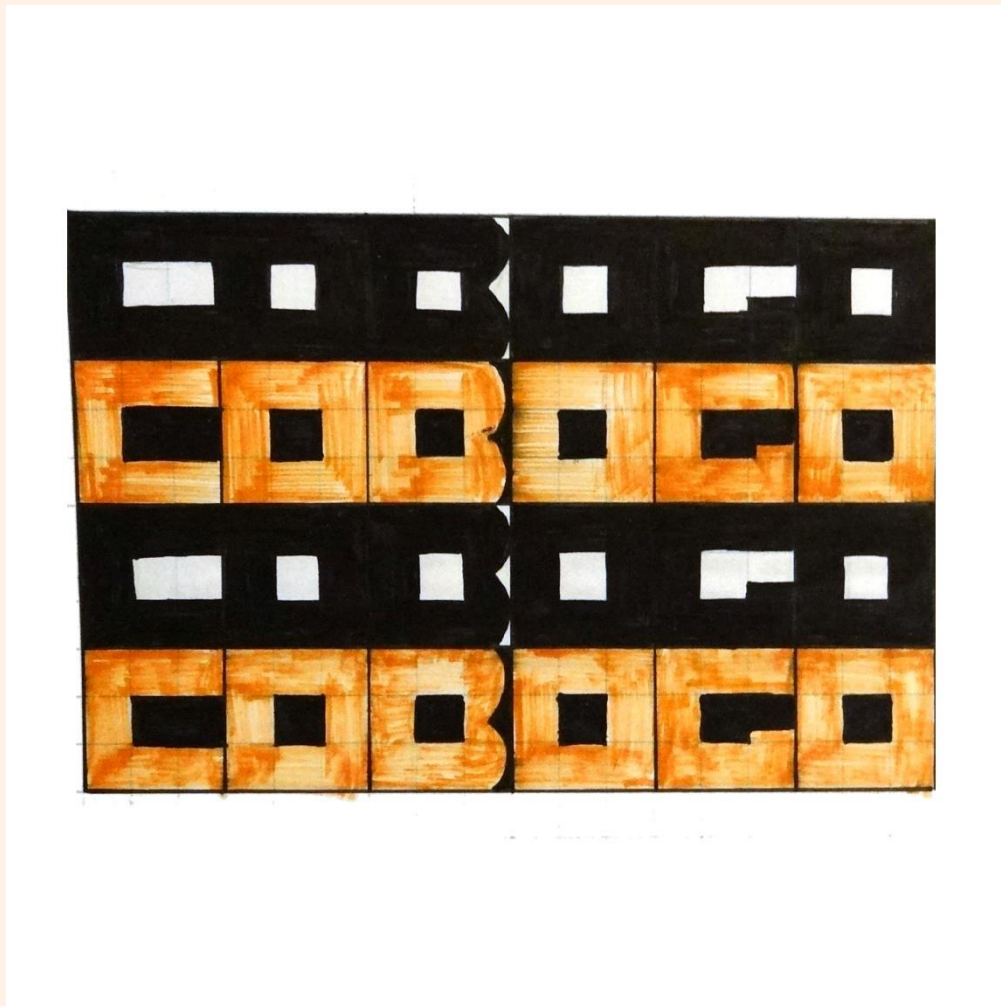


Poema 6



Mariana Kawaguti

Poema 7



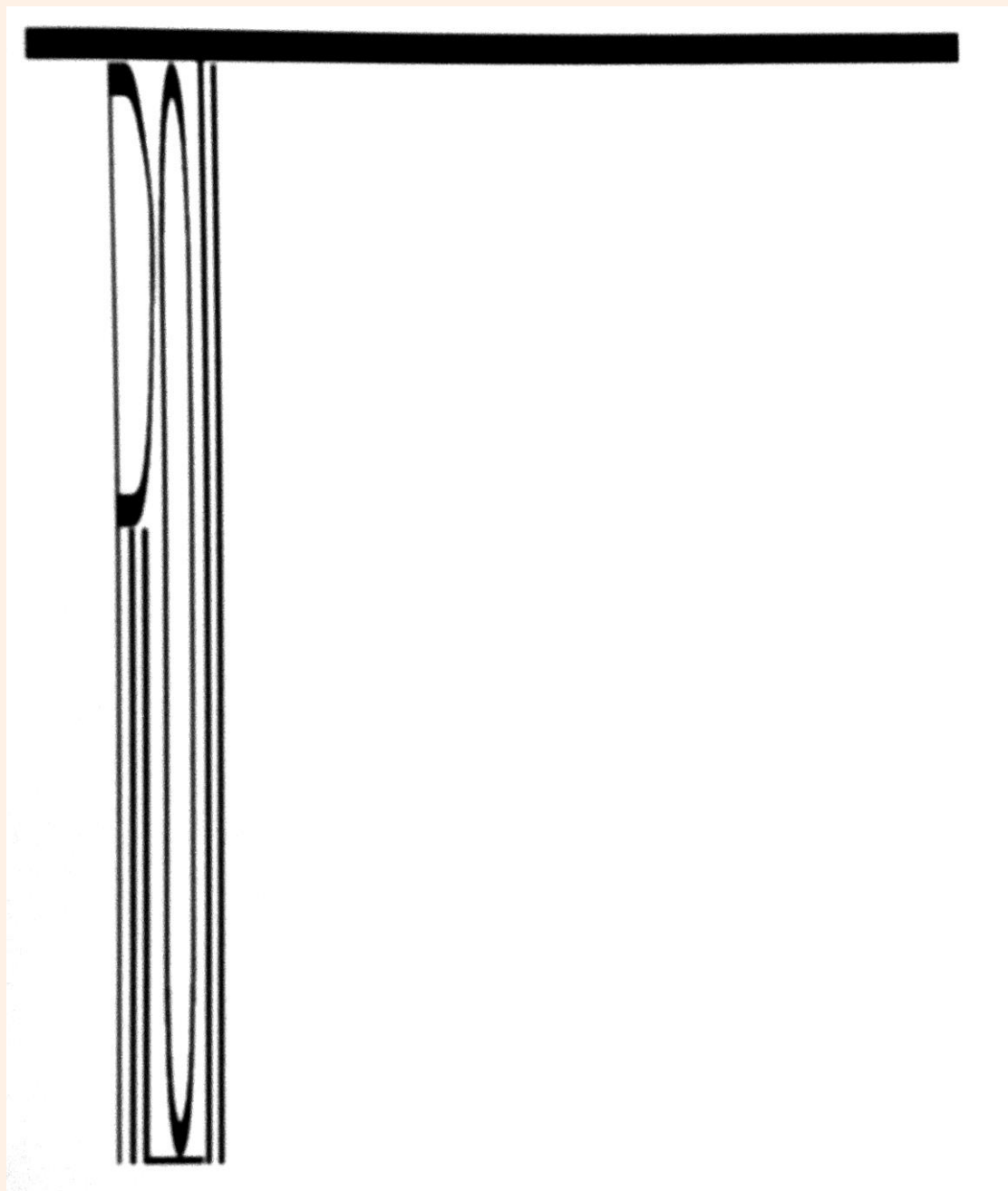
Micherlane Pereira Lima

Poema 8



Renata Pereira Nunes

Poema 9



Vinicius Gonzales

### Referências

AGUILAR, Gonzalo. *Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo, Edusp, 2005.

CAMPOS, Augusto. *REVER* [Catálogo de exposição no SESC Pompeia]. São Paulo, SESC, mai/jul 2016.

CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. “Plano piloto para a poesia concreta” (1958). *Revista Noigandres*, no. 4, São Paulo, 1958.

PIGNATARI, Decio. *Semiótica da arte e arquitetura*. São Paulo, Ateliê, 2005.

---

**ABSTRACT:** We present here the poems developed by the students of IFSP’s Architecture and Urbanism course in 2016, for ACOV6 (Visual Communication). The proposal was to create a poem based on words related to the architectural universe, such as *cobogó* and *piloti*, having as references the poems of Augusto de Campos and the language experiments made by concrete poetry – among them, the recognition of materiality of the word and the inextricable link between medium and message. In this exercise, poetry appeared as an essential interdisciplinary contribution to the reflection on architecture and the city, in its multiple dimensions, including the symbolic one.

**KEY WORDS** Concrete poetry. Augusto de Campos. Visual Communication. Architecture.

---

**Envio:** Fevereiro/2017

**Aceito para publicação:** maio/2017